

O homem gaúcho e o pacto “narcísico da masculinidade”: a música regional como ferramenta mediadora do ideal masculino

Nitielle Floriano Dias¹

Eric Gustavo Cardin²

Resumo: O presente trabalho procura compreender a música regional como uma ferramenta mediadora que constitui os discursos feitos sobre o homem gaúcho de modo a problematizar tais limitações da noção de masculinidade na qual imputa ao homem elementos classificados como do universo masculino: força e virilidade, reforçando uma identidade cultural. O ponto de partida estabelece-se mediante a vinculação entre a música regional cultural e o perfil do homem gaúcho. Na sociedade gaúcha, observa-se que esse pacto com o ideal masculino, se estrutura de maneira muito forte, quase indestrutível, que acaba por eleger uma identidade seguida de um tipo único de representação. Assim, procura-se identificar as representações sociais, através de um esforço em reverter a percepção social e os discursos, de modo a provocar inquietações que visem dar visibilidade a novos modos de significar o que molda a identidade do gaúcho. Espera-se, desse modo, contribuir para problematizar essa perspectiva cultural e social.

Palavras-chave: Homem gaúcho; Masculinidade; Identidade; Música Regional.

¹ Mestranda em Sociedade, Cultura e Fronteiras (UNIOESTE). Membro do Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão “Fronteiras, Estado e Relações Sociais” (LAFRONT). O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Contato: nitiellefloriano@gmail.com.

²Doutor em Sociologia. Pós-doutorado em Antropologia Social. Professor Associado da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Pesquisador do Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão “Fronteiras, Estado e Relações Sociais” (LAFRONT). Contato: eric.cardin@unioeste.br.

The gaucho man and the “narcissistic masculinity pact”: the regional music as a mediating device of the masculine ideal

Abstract: The present work seeks to understand regional music as a mediating tool that constitutes the discourses made about the gaucho man in order to problematize such limitations of the notion of masculinity, which attributes to men elements classified as from the masculine universe: strength and virility, and thus reinforces a cultural identity. The starting point is established through the link between regional cultural music and the profile of the gaucho man. In Rio Grande do Sul’s society, it is observed that this pact with the masculine ideal is structured in a very strong, almost indestructible way, which ends up electing an identity followed by a unique type of representation. Thus, we seek to identify social representations through an effort to reverse social perception and discourses, in order to provoke concerns that aim to give visibility to new ways of signifying what shapes the identity of the gaucho. Therefore, it is expected to contribute to problematizing this cultural and social perspective.

Keywords: Man from Rio Grande do Sul; Masculinity; Identity; Regional music.

1 Notas Introdutórias

O fardo simbólico presente na história do Rio Grande do Sul é marcado por narrativas que projetam ao homem gaúcho uma imagem canônica de “ser homem” ao atribuir características ainda presas a um modelo de masculinidade, a “masculinidade ideal”, na qual imputa ao homem elementos classificados como do universo masculino: força, poder e virilidade. Tais perspectivas associam tal entendimento à concentração da identidade cultural do gaúcho, sobre a qual os efeitos simbólicos dessa representação reverberam em distintas manifestações culturais.

Não raro, na cultura gaúcha, traços associados à masculinidade definem os estereótipos atribuídos ao homem gaúcho, construídos e permeados de símbolos e analogias entre o homem e um perfil animalesco, o

qual é constantemente comparado a animais considerados símbolos da masculinidade e que também apresentam em sua esfera uma posição prestigiosa. As especificidades presentes nesse território, possibilitam um campo cultural fértil e produz uma “cultura espetacularizada”, na qual, em um cenário atual, os acontecimentos de um sistema antigo se encontram solidificados, sendo praticados, preservados e instruídos aos próximos a perpetrar, buscando referências de um passado célebre, cuja constituição social da identidade do gaúcho se forjou.

Assim, de maneira diletante, a história do Rio Grande do Sul consola em manifestações culturais um perfil esperado, naturalizado e educado, que projeta ao homem gaúcho uma imagem canônica de “ser homem” ao atribuir características ainda presas a um modelo de masculinidade. A masculinidade é construída com práticas masculinizantes, uma vez que o homem é o ator principal do papel fementido de interpretá-lo na sua face mais visível e aceitável, na construção do masculino.

O homem gaúcho expressa uma visível preocupação em não se aproximar da fragilização e distanciar-se dos ideais viris, – entende-se que esta “preocupação” é um medo em um estado de proteção – e, com frequência, é reforçado nas músicas gauchescas. Mediante isso, compreende-se um “pacto narcísico³ da masculinidade”, que se dá a partir da imagem forjada do gaúcho, a qual descreve o compromisso da masculinidade e o compromisso em manter a injusta estrutura que o privilegia. Na sociedade gaúcha, observa-se que esse pacto com o ideal masculino se estrutura de maneira muito forte, quase indestrutível, que acaba por eleger uma identidade seguida de um tipo único de representação.

Por essa razão, cabe reflexões acerca das nuances proporcionadas no repertório musical, entre o homem gaúcho e representações de modelos convencionais de masculinidade, cujo repertório se volta a uma identidade alicerçada a um universo pastoril, onde o gaúcho se encontra e se entende, na sua concepção mais restrita do termo. Refletir como a cultura gaúcha agencia e aciona a identidade local vinculada ao repertório musical, proporciona pensar como a sociedade se organiza e como toda a construção simbólica a partir dos sons acontece.

No repertório de música gauchesca, estereótipos masculinos da imagem de um tipo ideal, não raro, são compostos por “códigos masculinos”, o que implica o imaginário social, uma vez que a música como uma das

³ A figura mítica de Narciso, o caçador apaixonado pela representação da própria imagem, o qual olha para si como o único objeto de amor. Diante de um espelho d'água, Narciso consegue olhar apenas para o seu reflexo e tudo diferente a ele, se quer é notado.

ferramentas possíveis de análise da cultura gaúcha pode possibilitar o começo do entendimento sobre a identidade social, na qual as letras, em sua maioria, projetam uma hipérbole desses elementos viris sobre o homem gaúcho. De acordo com Trotta (2014), podemos entender também que essas letras processam novos modelos de masculinidade que tencionam estereótipos patriarcais tradicionais através do exagero.

Ainda com caráter introdutório, destaca-se que este estudo é um recorte de uma pesquisa maior que tem como objetivo principal provocar reflexões acerca da representação feita do homem gaúcho por intermédio das músicas gauchescas. A pesquisa foi apresentada no *IV Colóquio Internacional Dinâmicas de Fronteiras*, que ocorreu nos dias 22, 23, e 24 de setembro de 2022, na cidade de Foz do Iguaçu- PR, promovido pelo Laboratório de ensino, pesquisa e extensão “Fronteira, Estado e Relações Sociais” (Lafront). Além dessa nota introdutória, o presente texto está constituído pelas seguintes seções: “O gaúcho”, “O masculino é um ferrenho mito estruturado” e “Laços mediados pela música gaúcha” e por fim, a seção “Considerações finais”.

2 O gaúcho

O gaúcho, se manifesta como um elemento social expressivo do seu meio e, segundo Maestri (2021, p. 96), “surgira em inícios do século XVIII, como tipo humano e grupo social significativo e singularizado do pampa”. De acordo com Luvizotto (2010, p. 28), “os Sul-rio-grandenses originam-se da transfiguração étnica das populações mestiças de varões espanhóis e lusitanos com mulheres guaranis”. Descrevendo as características físicas, o autor Mário Maestri (2021), dialoga com Alcides D’órbghy, descrevendo-os como possuidores de:

Cor morena oliva ou castanho pronunciado, estatura média, 1 metro e 688 milímetros. Formas hérulas. Frente arredondada. Rosto largo, achatado. Nariz muito curto e chato, de fossas largas e abertas. Boca muito grande. Lábios grossos e muito salientes. Pômulos salientes. Traços masculinos e pronunciados. Fisionomia fria [sic], geralmente feroz [sic] de cabelos pretos, grossos e lisos, teriam pouca pilosidade corporal. (MESTRI, 2021, p. 34).

Ainda, os gaúchos, considerados nômades, dominavam o ofício da montaria e o manejo com o gado, eram caçadores, tinham no gado selvagem a sua subsistência, alimentavam-se da coleta, caça e pesca, utilizavam o cavalo como meio de transporte para as caçadas. De acordo com Maestri (2021, p. 34), “os pampas eram os territórios de caçadores, coletores, pescadores e horticultores incipientes, caracterizados pela funda⁴ e pelas grandes lanças⁵”. Adaptada às necessidades do homem do campo a indumentária característica daquele período, embora esteja praticamente extinta, é usada episodicamente, por grupos folclóricos em espaços coletivos em que se manifesta e se preserva as memórias e raízes históricas. A título de informação, a vestimenta se caracterizava à época, a algo semelhante a um calção largo – Xiripá – uma espécie de capa, amarrada ao pescoço cobrindo até os calcanhares, feita do couro de animal e, na cintura, portavam uma faca ou o rebenque⁶. Essa indumentária, nitidamente foi adaptada às novas formas de vestir-se, a bombacha foi introduzida no cotidiano do gaúcho pastoril, uma vez que ela proporciona um grande conforto para a montaria. Hoje, é considerado um traje típico do gaúcho usado não só no meio pastoril, mas também em espaços urbanos.

No momento atual, de acordo com Luvizotto (2009, p. 26),

É muito comum ver o gaúcho usando bombachas, sua indumentária típica, não somente em datas comemorativas, mas também em seu dia a dia. No presente contexto, assim como a indumentária, os hábitos também são herdados e representados pelos gaúchos da região, tal como a projeção de uma dada semelhança a um sujeito com características ausentes de subserviência, apáticas e hostis.

“A palavra “gaúcho”, o homem livre dos campos, foi aplicada inicialmente para definir um tipo humano arredio, o nômade do pampa, muitas vezes um desertor desobediente da lei e da ordem, que cavalgava sem

⁴ A funda é semelhante a um estilingue, antigamente feita de uma tira de couro amarrada a um pedaço pequeno de galho, ao meio dessa tira é colocado o objeto que se deseja arremessar.

⁵ A lança é uma arma branca constituída por uma haste de madeira com a ponta afiada, ou amarrada uma lâmina, pedra ou osso bem afiados. De acordo com Maestri (2021), os pampeanos manejavam com maestria longas lanças, de uns três metros.

⁶ Pequeno chicote de couro utilizado para açoitar o cavalo.

rumo em uma área vastíssima sempre atrás de gado amansado ou chucro e de cavalos” (LUVIZOTTO, 2009, p. 23).

Envolto a um território veemente, o gaúcho contempla um conjunto que está intrinsecamente entrelaçado ao seu meio, e ligado a incipiência de sua vida, o estigma de um tipo insolente. Segundo Luvizotto (2010, p. 29), “durante o período colonial, os sul-rio-grandenses eram chamados de guascas e depois de galdérios, um termo que possui sentido pejorativo e se referia aos aventureiros paulistas que tinham desertado das tropas regulares e adotado a vida rude ou se tornado ladrões de gado”.

Em uma acepção mais restrita do termo gaúcho, foi classificado à malandro, vago, transgressor e, a representação desse personagem, ora contraditória, transforma-se, no decorrer do tempo, em uma imagem que estampa atributos de um personagem ansiado em provar sua masculinidade, coragem, força, bravura, orgulho, virilidade e dignidade. De acordo com Leal (2021, p. 65), “o gaúcho se tornou um símbolo idealizado de liberdade e orgulho nacional ou regional”.

De transgressor a um tipo ideal, no decorrer do tempo a representação do gaúcho foi sendo transformada e passou a ser empregada para identificar aquele ou aquela que nasce no Rio Grande do Sul. Sobre essa representação do modo gentílico, Maciel expõe:

O gaúcho também pode ser pensado como uma figura emblemática, pretendendo sintetizar e expressar uma determinada imagem dos habitantes da região, transmitindo ideias e valores sobre como seriam (ou deveriam ser) os gaúchos. [...] A figura do gaúcho como representativa de uma identidade regional é elaborada a partir de uma busca pelo que seria denominador comum, procurando o que diferencia. (MACIEL, 2000, p.79).

No entanto, em uma acepção abrangente do termo – gaúcho – agora, no tempo presente, refere-se às pessoas nascidas no Estado do Rio Grande do Sul de modo geral. De acordo com Flores (1988, p. 30), “somente a partir do ano de 1800 que o termo gaúcho se generalizou, tornando-se gentílico do século XX, designando o natural do Rio Grande do Sul”. Desse modo, torna-se importante ressaltar que a representação do gaúcho rio-grandense emerge de uma identidade social que está entrelaçada ao seu meio – o pampa – onde incorpora características particulares que se reverberam seguido à uma imagem da masculinidade.

Dessa maneira, o fardo simbólico presente, imerso em condições históricas, instaura princípios e molda uma estrutura de relações de dominação estabelecidas pelo conservadorismo, assim como a afirmação a um vínculo do homem gaúcho ao seu meio – o pampa, na qual ele, o gaúcho, possui uma adoração e expressa esse sentimento em cantos, prosa e versos.

Segundo Leal (2021, p. 93), “envolto na imensidão da paisagem, o homem volta-se a si mesmo, ou toma a si mesmo como ponto fixo e central de referência do universo que o envolve”. Dessa maneira, o gaúcho, já considerado um ser irredutível e indecoroso, forjado na fronteira entrelaçada pelo bioma pampa, tem suas características exaltadas nas manifestações culturais, seja nas músicas, nos *causos*, na história, nas vestimentas, no vocabulário, nas performances e em outras formas possíveis de expressões culturais. Para Oliven (2006), “a figura do homem livre dos pampas e domador de cavalos iniciou um processo de criação da identidade do Gaúcho”.

De acordo com Luvizotto (2010, p. 29), “pode-se dizer que a figura do gaúcho, como é conhecida hoje, sofreu um longo período de elaboração cultural”. Nesse sentido, essas construções culturais, cristalizadas a uma região, instauram princípios e moldam concepções reproduzidas em composição de uma ordem social com relação ao poder concedido ao homem. De tal modo, como se organiza uma sociedade androcêntrica, considerando a complexidade da formação do território e a emergência do gaúcho, onde o homem está como ponto de partida para uma identidade social e, em última análise, a mulher está imbricada à imagem do homem.

Mediante isso, a imagem do homem gaúcho está atrelada a um passado bélico, que é constantemente exaltado e comemorado – visto que no Rio Grande do Sul, no mês de setembro comemora-se o “mês do gaúcho” em que se privilegia uma semana para os festejos farroupilhas, na intenção de fortalecer o sentido de comunidade e identidade gaúcha. Desse modo, a identidade gaúcha consolida um universo masculino composto por um conjunto de hábitos e costumes que atenta, acima de tudo, como “ser homem de verdade”, assim como “ser um verdadeiro gaúcho”, expressando no seu modo, no seu vocabulário, nas suas vestimentas, nas atividades consideradas pertencentes ao domínio masculino e nas mais variadas manifestações culturais, buscando e preservando as referências do passado, nas quais passam a ser reproduzidos significados e através da identidade, implicada no repertório e nas possibilidades que a cultura gaúcha oferece. Nesse ponto, portanto, no entendimento desta pesquisa o gaúcho é definido, por intermédio do repertório cultural gaúcho, à imagem de um tipo ideal de ser homem.

A história do Rio Grande do Sul, é marcada por conflitos que serviram de palco para a emergência do gaúcho também, marcada por narrativas que projetam ao homem gaúcho uma imagem canônica de “ser homem” ao atribuir características, ainda presas, a um modelo de masculinidade, a “masculinidade ideal” na qual imputa ao homem elementos classificados como do universo masculino: força, poder e virilidade. Tais perspectivas associam tal entendimento à concentração da identidade cultural do gaúcho, sobre a qual os efeitos simbólicos dessa representação reverberam em distintas manifestações culturais. E, a sua imagem vinculada a uma região de fortes laços ao *ethos* pastoril, fomenta um modelo construído e idealizado do gaúcho.

Desta maneira, o fardo simbólico presente, imerso em condições históricas, instaura princípios e molda uma estrutura de relações de dominação estabelecidas pelo conservadorismo em que a construção de um tipo ideal – o que implica, honra, coragem, violência e ímpeto – é prometido ao homem (desde criança) de modo a sustentar um padrão. Não raro, na cultura gaúcha traços associados à masculinidade definem os estereótipos atribuídos ao homem gaúcho, construídos e permeado de símbolos e analogias entre o homem e um perfil animalesco, o qual é constantemente comparado a animais considerados símbolos da masculinidade e, que também apresentam em sua esfera, uma posição prestigiosa: galos, cavalos, touros, assim como a constante comparação a uma criatura mística – centauro. Para Leal (2021, p. 284), “o homem adquire posse sobre o que ele elege como natureza animal, basicamente força e poder, e torna esses elementos parte da natureza humana”.

Dessa forma, sendo o gaúcho considerado um elemento característico e singular do bioma pampa, uma vez que, carrega uma primeira imagem de um homem vago, errante e insolente acaba por envolver um imaginário coletivo que venera e idealiza um ícone guerreiro – “o mito do gaúcho” – e ainda, faz com que, em um contexto atual, seja ambicionada uma aproximação a esta semelhança, onde se vê e vive como tal, dando sentido a uma trama ampla de relações que acaba por amalgamar-se a uma identidade social inclinada a uma identidade de gênero masculina, uma vez que, as repercussões do homem gaúcho, são construídas socialmente e consolida o imaginário gaúcho, neutralizando a dominação masculina. Em relação ao “mito do gaúcho” Guedes (2009, p. 54), aborda que:

Este mito faz parte das manifestações do imaginário sul-riograndense, alimentado pelo culto exacerbado as tradições

heroicas de uma história que continuamente “canta seus heróis em prosa e verso”, como uma necessidade atávica de afirmação e inculcação de um passado de glórias, criando-se o “orgulho de ser gaúcho”, mantendo assim uma identidade regional, resultante de uma construção social apaziguadora das grandes diferenças sociais existentes nos campos e nas cidades. (GUEDES, 2009, p. 54).

Nesse sentido, essas construções culturais, cristalizadas a uma região, instaura princípios e molda concepções reproduzidas em composição de uma ordem social com relação ao poder concedido ao homem. Os feitos de um herói, másculo, assim como a semelhança de um sujeito com características ausentes de subserviência, apáticas e hostis, não raro, são postos em narrativas e cantorias, e ocorre com demonstrações em letras escritas por homens para homens, onde enfatiza uma imagem engrandecida de si e em si mesmo. No entanto, essas manifestações típicas dessa sociedade, constroem e organizam discursos de uma masculinidade e, conforme assevera Leal (2021, p. 120), “acaba por convencer-nos de que em alguns contextos nunca basta ser homem, mas é preciso ser homem entre os homens”.

Essa pujante representação varonil do homem gaúcho tende, de acordo com Luvizotto (2010, p. 30), “a ignorar a diversidade e representar seu habitante como um tipo único de ser gaúcho”. “É certo de que essa tipificação do gaúcho tradicional exclui um verdadeiro conjunto de pessoas que compõem o Rio Grande do Sul, mas esse acaba sendo um ícone que representa a identificação não somente de uma cultura, instituída e determinada em manuais e livros de história, mas de vários modos de sentir-se Gaúcho”. (LUVIZOTTO, 2010, p. 30).

Levando em consideração os elementos apresentados a respeito da imagem vinculada ao homem gaúcho, o qual é exposto, via repertório cultural, como possuidor de valores como: honra, virilidade, bravura e liberdade, Maffesoli (1995) contribui ao afirmar que a imagem deve “ser consumida, coletivamente, aqui e agora. Ela serve de fator de agregação, permite perceber o mundo, e o representar. E, mesmo que ela possa ser objeto de apropriação política, ela tem, sobretudo, uma função mitológica, pois favorece o mistério, isto é, une entre si os iniciados” (MAFFESOLI, 1995, p. 35).

No entanto, a hipérbole projetada a imagem desejada do “ser gaúcho” agencia, aciona e implica no imaginário social o começo de entendimento sobre a identidade gaúcha. Assim como, o entendimento de uma identidade

alicerçada a um universo pastoril, onde o gaúcho se encontra e se entende, de modo tácito, como agentes do modo ideal de ser homem e referencia-se como tal. Isso, tenciona estereótipos masculinos tradicionais, – o qual o repertório cultural gaúcho expressa com exagero – e organiza uma sociedade de forma binária, onde os processos identificatórios do masculino dentro da cultura gaúcha, o homem é um sujeito autorreflexivo.

3 O masculino é um ferrenho mito estruturado

Os estereótipos atribuídos ao homem gaúcho, os quais o atribui “códigos gauchescos” de ser homem: macheza, agressividade, falar alto com tom rude, ser ríspido, bruto e desprovido de qualquer vaidade, não é apenas uma característica da cultura gaúcha. Porém, são clássicas características dessa cultura que, nas palavras de Leal (2021, p. 83), “é fortemente autocentrada e autorreflexiva”, uma vez que, celebra-se, glorifica-se de forma exagerada um passado composto por episódios de extrema belicosidade, acompanhado de crenças dos traços descritivos da masculinidade. Para Grossi (2004), na cultura ocidental, uma das principais definições da masculinidade é que o masculino deve ser ativo e agressivo.

O modelo ideal do masculino se constrói e se estrutura numa hierarquização entre homens e mulheres. “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” é a memorável frase da filósofa e ensaísta Simone de Beauvoir. Dessa forma, fazendo uma pequena adaptação na frase, cabe também pensar “ninguém nasce homem: torna-se homem”. Desse partido, entende-se a questão de gênero como uma construção social, que se dá a partir de discursos e práticas sociais. Mulher e homem, menina e menino, são resultado de práticas de gênero. É praticando os atributos relacionados à masculinidade que se converte homem e é praticando aquilo que chamam de feminilidade que se converte em mulher. Conforme Butler (2018), o gênero é tido como uma performance, ou seja, a partir da reprodução de comportamentos considerados característicos do feminino ou do masculino.

Assim, as qualidades impostas aos homens os limitam aos enquadramentos e os elementos da virilidade vão sendo ressaltados e efetivamente vinculados à violência. Desse modo, a violência acaba sendo um elemento localizador desse sujeito, ou seja, a brutalidade, a agressividade e a virilidade, acabam sendo construções dos elementos característicos do que é ser homem e, do que não ser associado ao feminino. Segundo Connell (1995, p. 190), “as masculinidades são construídas para além da esfera da

reprodução, elas também se configuram a partir da esfera da produção social”.

A noção de gênero afeta as mulheres de forma específica assim como também afeta o homem de forma específica, há assimetrias coercitivas que envolve o masculino e o feminino, na qual o peso que a sociedade e o Estado impõem, se debruça muito mais em relação à mulher do que em relação ao homem, isso é fato, mas, esses dois sujeitos – mulher e homem – estão numa relação social auto significativa em que se produzem as opressões a partir dos dois polos. É uma rede de significação, não há como pensar em um sem pensar no outro. A generalização faz parte da construção do fenômeno social, não é sobre indivíduos, a exceção não deixa de existir por conta da generalização, e sim quando há uma totalização.

Na sociedade gaúcha, a qual a sua conjuntura sociocultural se dá por estruturas sociais opressoras, a ideia do ser homem, aparenta uma dissociação, uma ruptura do mundo feminino. Existe uma fronteira construída culturalmente, mas é entendida como natural: homem – mulher. Para Pereira (2015, p. 149), “o homem vive as emoções de forma diferente da mulher, sublimando seus sentimentos, pois se em algum momento isto vier a ocorrer inversamente, ele estará fugindo do modelo de uma totalidade de masculinidade heterossexual que lhe foi concebida socialmente”.

O repertório cultural gauchesco oferece aos homens, instrumentos que estão impregnados a um tipo de masculinidade desejada, uma vez que, não são ferramentas de diálogos, de cooperação, e sim, são ferramentas de disputas, competições, agressividade, sempre em busca de ter a última palavra. E, quando não tem a última palavra sentem-se anulados. “O masculino é educado para a superioridade: competitivo, ativo, destemido, independente, racional e intelectual; enquanto as mulheres são educadas para serem emocionais e sentimentais, cabendo às próprias o papel de defensoras e reprodutoras desse modelo machista”. (PEREIRA, 2015, p. 150).

Traços concebidos ao homem gaúcho, pertencentes do universo masculino apresentam, de forma sutil, um embate sobre a masculinidade ao expressar, no homem gaúcho, a referência de ser “macho”. O processo identificatório do masculino é iluminado, corporificado, pelo homem forte e viril. Esses dois atributos: força e virilidade, é a representação clássica do homem gaúcho. A virilidade, portanto, é um privilégio, uma estratégia de resistência, que precisa ser afirmado o tempo inteiro. Os privilégios masculinos são derivados da dominação masculina como assevera Bourdieu (2014).

Dessa forma, os ímpetus de uma masculinidade “adequada” ajuizado ao homem gaúcho o verga sob o excessivo peso de sustentar um padrão ideal de ser homem, e isso acaba por ser uma “cilada”, porque coloca os homens em tensão e contensão permanente com dever de afirmar-se em toda e qualquer circunstância a sua virilidade. De acordo Leal (2021, p. 276), “na cultura gaúcha, a masculinidade tem que ser constantemente adquirida e provada entre o grupo masculino de iguais”. Aquele que se recusa a fazer parte do modelo de “masculinidade ideal” entra num padrão da imperfeição e, quando o homem rompe esse padrão de “perfeição masculina” ele se torna um sujeito “discordante”, um sujeito imperfeito deixando de ser (e ser considerado) um sujeito potencializador.

A masculinidade é construída com práticas masculinizantes, uma vez que, o homem, é o ator principal do papel fementido de interpretá-lo na sua face mais visível e aceitável, na construção do masculino. O homem gaúcho expressa uma visível preocupação em não se aproximar da fragilização e distanciar-se dos ideais viris, – entende-se que esta “preocupação” é um medo em um estado de proteção – e, com frequência, é reforçado nas músicas gauchescas. Mediante isso, compreende-se um “pacto narcísico⁷ da masculinidade”, que se dá a partir da imagem forjada do gaúcho, a qual descreve o compromisso da masculinidade e o compromisso em manter a injusta estrutura que o privilegia. Na sociedade gaúcha, observa-se que esse pacto com o ideal masculino, se estrutura de maneira muito forte, quase indestrutível, que acaba por eleger uma identidade seguida de um tipo único de representação.

Assim, considera-se que de forma inconsciente, os homens são representados, de forma assumida, por esse perfil gaúcho, de modo que a cultura representada por um viés regionalista, descreve, por intermédio das músicas, elementos romantizados da paisagem e do homem gaúcho, a fim de fomentar a formação da identidade, tais aspectos são possibilitados devido à ocorrência em músicas regionalistas.

4 Laços mediados pela música gaúcha

⁷ A figura mítica de Narciso, o caçador apaixonado pela representação da própria imagem, o qual olha para si como o único objeto de amor. Diante de um espelho d'água, Narciso consegue olhar apenas para o seu reflexo e tudo diferente a ele, sequer é notado.

No processo de formação do Estado do Rio Grande do Sul, considera-se que sua constituição se dá através de um mosaico-cultural, e dentre os elementos culturais que se destacam no repertório cultural gauchesco, a música é um instrumento que se sobressai. Quando se fala em música regional gauchesca, desperta no imaginário social, um cenário do qual enseja estereótipos enraizados a imagem do gaúcho, o que leva a uma inclinação a um dado protecionismo regional, assim como um ambiente cultural masculino. A identidade da cultura gaúcha se mostra envolvida pela estética e pelo cotidiano do campo, considerado manifestações culturais “típicas do gaúcho”.

As manifestações culturais do Estado do Rio Grande do Sul são vastas e, ir de encontro com o impossível, é a tentativa de reparar todas as suas formas de se expressar culturalmente. Portanto, o meio oral, a música, é a forma expressiva que intermedeia e tece os laços desse homem gaúcho ancorado em um ideal masculino. Em relação às possibilidades de expressões culturais por intermédio da música gauchesca, Oliveira e Gamalho (2018), comentam que:

(...) é um instrumento capaz de massificar afirmações de um discurso que não está, necessariamente, atrelado à realidade histórica, mas é difusor de um efeito de verdade propositalmente ressaltada. No caso da música regionalista do Rio Grande do Sul, esse esforço tem como uma de suas abordagens principais a aproximação do gaúcho com o pampa, evidenciando aspectos da paisagem natural e atrelando-as a um passado de glória, um presente de superação e uma relação harmônica homem/natureza e homem/homem. (OLIVEIRA e GAMALHO, 2018, p. 19).

As questões simbólicas e culturais presentes na música gaúcha são suscetíveis a reflexões, pois envolvem fatores sociais, políticos e culturais que refletem na forma como o indivíduo decodifica a mensagem transferida nesse sistema. Por isso, evidencia-se que a mensagem não se constrói apenas por quem a faz (compositor), mas também, ela se constrói por quem a recebe (ouvinte) no momento de sua distribuição e consumo.

Diante disso, para Hall (2016, p. 24), “a música, por sua vez, é “como uma linguagem”, na medida em que emprega notas musicais para transmitir sensações e ideias mesmo que abstratas e sem referência direta na “realidade material””. Com base nisso, entende-se que as mensagens mediadas pela

música, operam como um sistema representacional, que possibilita a construção de sentidos e entendimentos.

De acordo com Freire Filho (2005, p. 20), “é por intermédio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência, àquilo que somos e àquilo que podemos nos tornar”. Todavia, é nos discursos e nos sistemas de representação que, compreende-se ser possível, o posicionamento dos indivíduos sobre a compreensão de si e do mundo. Segundo Morigi e Bonotto (2004, p. 148), “a música regional é parte da memória coletiva de um grupo social, que opera como um espaço de legitimação de concepções já consagradas, ao mesmo tempo em que atualiza e reorganiza o imaginário coletivo”.

Na cultura gaúcha, muito se exprime um sentimento de pertencimento e uma postura de superioridade, resultado de uma ressignificação atribuída a esta tenacidade que soma a épicas histórias do estado do Rio Grande do Sul, que são pronunciadas em canto. Ao se referir ao repertório musical gauchesco, Golin (2004), comenta:

(...) reflete, com raríssimas exceções, em suas canções populares, uma rusticidade musical que transforma a maioria das composições em letras cantadas ou crônicas com alguma base sonora. (...) nas construções poéticas que compreendem as músicas gauchescas, pode-se, entre outras categorias, evidenciar a categoria “identidade” como resultante de uma personagem sempre expressa na primeira pessoa, revelando um modelo do homem sul-rio-grandense que se apresenta como modelo identitário. (GOLIN, 2004, p. 78).

A cultura musical gaúcha, apresenta uma postura tendenciosa ao ser composta, expondo a visão de mundo, o “cantar opinando”, onde o eu lírico masculino está sempre presente, apresentando as atividades, o modo de vida e de ser gaúcho, o qual dispensa qualquer sofisticação, assim como a presença de um perfil animalesco, machista e violento, e a mulher, a alteridade, posta à imagem do homem, o outro estereótipo. Em relação a música regional gaúcha, de acordo com Baptista (2017, p. 47), “ajuda a fortalecer o mito do “gaúcho herói” - descrito de forma gloriosa como o paladino que sobreviveu altivamente as guerras e à adversidade da vida nos campos – que caracteriza a identidade cultural do Rio Grande do Sul”.

“A música por meio dos movimentos de retomada da chamada “tradição gaúcha”, sobretudo Tradicionalismo e Nativismo, vem

contribuindo para manter acesa a chama que alimenta a ideia do “gaúcho herói” (BAPTISTA, 2017, p. 16). O repertório de música gaúcha proporciona nuances caracterizante, o que torna oportuno refletirmos como a sociedade se organiza e como que toda a construção simbólica a partir dos sons acontece, na medida em que fazemos o exercício de autoprovocarmos um “desconforto auditivo” ao dar ouvidos as letras e não somente a melodia, deixando fluir o que está por trás de cada música que ouvimos. De acordo com Dias (2009, p. 5), “ouvir música é um ato simbólico de identificação com as representações de estilos de vida, visões de mundo e valores sociais, dessa forma, a música é um produto extremamente significativo na formação do imaginário das pessoas”. Um simples ato de lazer, pode ser também um exercício para demarcar entendimentos e afirmar identidades.

Na perspectiva analítica de Hall, devemos questionar tudo aquilo que transmite alguma mensagem, para compreender o que de fato elas representam, quais os valores, quais são as identidades, que realidade é que está sendo representada. Com base nisso, esclarece Hall (2016), sobre a abordagem discursiva se concentrar mais nos efeitos e consequências da representação – isto é, “política”. “Examina não apenas como a linguagem e a representação produzem sentido, mas como o conhecimento elaborado por determinado discurso se relaciona com o poder, regula condutas, inventa ou constrói identidades e subjetividades e define o modo pelo qual certos objetos são representados, concebidos, experimentados e analisados” (HALL, 2016, p. 27).

A música gaúcha é um dos bens culturais consideravelmente significativos na constituição de identidade no imaginário social. De acordo com Golin (2004, p. 65), “a maior expressão de massa do movimento cultural *gauchesco* é a música”. Alguns aspectos da música regionalista, descreve elementos romantizados do homem e da paisagem com o intuito de fomentar uma identidade cultural singular, calcada a uma representação unificadora da imagem austera do homem gaúcho.

Traços de uma natureza androcêntrica, também se mostram presentes na música gaúcha, diante disso, em sua pesquisa voltada aos efeitos do gênero musical forró, Trotta comenta uma realidade não muito distante do Rio Grande do Sul:

(...) a experiência musical é vivenciada em situações de conflito e negociação com os temas abordados, produzindo narrativas e sínteses reflexivas díspares e variadas. Se algumas letras do forró eletrônico elaboram uma hipérbole sobre um tipo de masculinidade rude, patriarcal e misógina – e isso é inegável – podemos entender também que essas letras processam novos

modelos de masculinidade que tensionam estereótipos patriarcais tradicionais através do exagero. Esse processo ilumina as disputas em torno dos embates de gênero, e é resultado de um discurso de anulação feminina que já não é tão eficaz quanto em outras épocas. (TROTTA, 2014, p. 82).

A produção cultural musical é parte constituinte da cultura gaúcha, e um dos seus bens culturais mais consumidos e simbólicos, de alcance não somente regional, nem mesmo se limita às fronteiras nacionais, pois, atravessa fronteiras internacionais, reforçando um “intercâmbio de sentidos”, guiando-se por um fio condutor de sentimento ao tradicionalismo. Em relação a um dos segmentos presentes nas vertentes de composições gauchescas, a música campeira de acordo com Ferreira (2014), “é a música que representa a “verdadeira” cultura gaúcha”.

Quanto a questão posta acima, segundo Santi (1999, p. 56),

O padrão de música regional em vigor era representado então, desde os anos 40, por artistas como Teixeira, Pedro Raimundo, Gildo de Freitas e José Mendes que, na esteira da popularização do rádio, fizeram grande sucesso no meio rural, especialmente nas classes populares padecendo, entretanto, do estigma de “grossura”, que causava rejeição entre as classes médias e altas urbanas.

De acordo com Ronsini (2004, p. 79), “a mídia possui um papel importante na disseminação de uma cultura que serve de referência para a construção de identidades”. A música gaúcha é um veículo que carrega sentido, permeia os mais diversos estratos sociais, etnias, faixa etária e gênero, composta por um repertório alimentado por “códigos gauchescos”, os quais descrevem traços masculinos demais, aceitos e glorificados. A ênfase exagerada nesses traços pode culminar em desequilíbrios prejudiciais a indivíduos que tentam corresponder a essas expectativas.

Mediante o exposto, isso se afirma nas reflexões de Oliven (1992) referente a construção da identidade do gaúcho, disserta:

Trata-se de uma construção de identidade que exclui mais do que inclui, deixando de fora a metade do território sul-riograndense e grande parte de seus grupos sociais. Apesar do

enfraquecimento da região sul do estado, da notável projeção econômica e política dos descendentes dos colonos de origem alemã e italiana que desenvolveram a região norte, da urbanização e da industrialização, o tipo representativo do Rio Grande do Sul continua a ser a figura do gaúcho da campanha como teria existido no passado. (OLIVEN, 1992, p. 4).

Na cultura gaúcha, muito se exprime um sentimento de pertencimento e uma postura de superioridade, resultado de uma ressignificação atribuída a esta tenacidade que soma a épicas histórias do estado do Rio Grande do Sul. Há uma constante preocupação em preservar esta identidade regional e em afirmar sua superioridade. No entanto, manifesta-se uma barreira emocional erguida pelo sentimento de “virtude superior”, o que é, com frequência, exaltado nas músicas regionais, a qual coopera, na depreciação ou até mesmo estigmatiza as outras masculinidades possíveis, assim, como as culturas presentes em outras regiões do país, despertando um sentimento de obter qualidades de uma cultura local, proeminente, assim, como um sentimento do gaúcho regional arquétipo de homem viril.

Mediante isso, Oliven aborda:

O que ocorre no Rio Grande do Sul parece estar indicando que, atualmente, para os gaúchos, só se chega ao nacional através do regional, ou seja, para eles só é possível ser brasileiro sendo gaúcho antes. A identidade gaúcha é atualmente reposta, não mais nos termos da tradição farroupilha, mas enquanto expressão de uma distinção cultural em um país onde os meios de comunicação de massa tendem a homogeneizar a sociedade culturalmente a partir de padrões muitas vezes oriundos da zona sul do Rio de Janeiro. (OLIVEN, 1992 p. 128).

Assim, de maneira diletante o repertório cultural musical, enfatiza a pujante referência ao passado e do homem gaúcho pastoril e isso auxilia no processo de produção de significados, o qual consola um perfil esperado, naturalizado e educado na qual projeta ao homem gaúcho uma imagem canônica de “ser homem” ao atribuir características, ainda presas, a um modelo de masculinidade que o atribui elementos classificados como do universo masculino. E isso, produz hierarquização entre os tipos de masculinidades. A identidade gaúcha ultrapassa fronteiras, seja por limites

geográficos ou até mesmo fronteiras simbólicas de identificação e sentimento. De tal modo, há disputas sobre a imagem, admitindo, dessa maneira, embates hegemônicos sobre a masculinidade.

5 Considerações finais

À guisa das considerações finais desse trabalho, aponta-nos a um caminho fértil e pertinente. Este trabalho é um recorte de uma pesquisa maior, que tem por objetivo provocar reflexões acerca da representação feita do homem gaúcho por intermédio das músicas gauchescas. Na conjuntura sociocultural do Rio Grande do Sul, essas representações acabam sendo naturalizadas pela tradição, na qual auxiliam na manutenção de assimetrias de poder em que estamos imersos. Assim, na intenção de identificar as representações sociais, através de um esforço em reverter a percepção social e os discursos, de modo a provocar inquietações que visem dar visibilidade a novos modos de significar o que molda a identidade do gaúcho.

Vale dizer que o discurso entendido aqui vai além do simples pronunciamento, mas sim, de ações, falas e existências. Compreende-se também que as composições das músicas acionam tensionamentos aos estereótipos vinculados ao homem gaúcho, uma vez que, são expressos de modo demasiado. Isso se dá através do efeito do ato de incutir no imaginário social, por meio do repertório cultural, atrelações a respeito do homem gaúcho junto a uma propensa manutenção da dominação masculina. Dessa forma, o que consolida o universo masculino construído no repertório cultural gaúcho, é a noção de ser homem de verdade, e isso é uma produção gigantesca e extraordinária de um imaginário enganador. Espera-se, desse modo, contribuir para problematizar essa perspectiva cultural e social.

6 Referências

BAPTISTA, Í. C. Q. **Um lugar chamado gaúcho: invenções da identidade sul-rio-grandense por meio da música.** 2017. 102 f. Tese (Doutorado)-Universidade do Sul de Santa Catarina, Pós-graduação em Ciências da Linguagem, Palhoça, 2017.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina.** 2 ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2014.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 16. ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2018.

CONNELL, R. W. Políticas da masculinidade. **Educação e Realidade**, n. 2, v. 20, p. 185–206, 1995.

DIAS, V. N. C. **O consumo de música regional como mediador da identidade**. 2014. 110 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Maria, comunicação, Santa Maria, 2009.

FERREIRA, C. F. **Campeirismo musical e os festivais de música nativista do sul do Brasil: a (pós) modernidade (re)construindo o “gaúcho de verdade”**. 2014. 156 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, música, Porto Alegre, 2014.

FLORES, M. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1988.

FREIRE FILHO, J. Força de expressão: construção, consumo e contestação das representações midiáticas das minorias. **Revista FAMECOS**, n. 28, v.12, p. 18-29, 2005.

GOLIN, T. **Identidades: questões sobre as representações socioculturais no gauchismo**. Passo Fundo: Clio Méritos, 2004.

GROSSI, M. P. Masculinidades: uma revisão teórica. **Antropologia em Primeira Mão**, v. 75, p. 4-37, 2004.

GUEDES, B. L. O Mito do Gaúcho e suas repercussões na História da Educação do Rio Grande do Sul. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 2, 2009.

HALL, S. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC- Rio: Apicuri, 2016.

LEAL, O. F. **Os gaúchos: cultura e identidade masculinas no pampa**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2021.

LUVIZOTTO, C. K. **As tradições gaúchas e sua racionalização na modernidade tardia**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

———. **Cultura gaúcha e separatismo no Rio Grande do Sul**. São Paulo: Editora UNESP, p. 93, 2009.

MACIEL, M. E. Apontamentos sobre a figura do gaúcho brasileiro. In: **Olhares cruzados**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000.

MAESTRI, M. **Breve história do Rio Grande do Sul: da pré-história aos dias atuais**. Porto Alegre: FCM Editora, 2021.

MAFFESOLI, M. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

MORIGI, V.J.; BONOTTO, M.E. A narrativa musical, memória e fonte de informação afetiva. **Em Questão**, v. 10, n. 1, p. 143-161, 2004.

OLIVEIRA, da S. V.; GAMALHO, P.N. Pampa e ideário gaúcho: leitura a partir do conceito paisagem. In: **Identidade, cultura política e políticas públicas: saberes e práticas interdisciplinares**. Jaguarão: CLAEC, 2018.

OLIVEN, R. G. **A parte e o todo**: a diversidade cultural no Brasil-nação. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

———. A polêmica identidade gaúcha. *Cadernos de Antropologia. Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/UFRGS*. n.4, p. 31-45, 1992.

PEREIRA, E G B; PONTES, V S; RIBEIRO, C H de V; SAMPAIO, T M V. Os estudos de gênero e masculinidade e seus reflexos para a Educação Física. **Revista brasileira Ciência e Movimento**, p. 147- 156, 2015.

RONSINI, V. **Entre a capela e a caixa de abelhas**: identidade cultural de gringos e gaúchos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

SANTI, Á. **Canto Livre? O nativismo gaúcho e os poemas da Califórnia da canção nativa do Rio Grande do Sul**. 1999. 110 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Literatura brasileira, Porto Alegre, 1999.

TROTTA, F. **No Ceará não tem disso não**: nordestinidade e macheza no forró contemporâneo. Rio de Janeiro: Folio Digital: Letra e Imagem, 2014.